

Momento de reflexão

Do ponto de vista político, o Brasil atravessa um período complicado, com a população dividida entre: 1) uma minoria que se pensa de “esquerda”, recusa a aritmética e insiste em repetir o passado; 2) outra, de “direita” troglodita, que recusa qualquer solidariedade social e sugere que é “liberal”; e 3) o “resto”, uma maioria perplexa e calada porque não sabe bem o que quer e atordoada, do ponto de vista moral, pelo criminoso incesto entre o Estado e o setor privado revelado pela operação “Lava Jato”. E ainda sacrificada, a partir de 2012, pela política “voluntarista” que produziu uma crise fiscal que nos levou à quase insolvência.

Com relação à economia as coisas caminharam relativamente melhor desde a posse do governo do presidente Temer – em maio de 2016 – e após superar as turbulências resultantes de uma apaixonada e torturada intervenção até agora não plenamente esclarecida do Ministério Público Federal. Podemos acreditar que entregará o governo com uma melhoria importante da conjuntura. Infelizmente, o mesmo não acontecerá na “estrutura” do sistema econômico, porque o trágico aumento da “judicialização da política” e sua irmã siamesa, a “politização da justiça”, dissiparam a força “reformista” do governo e invadiram as atribuições do Executivo e do Legislativo.

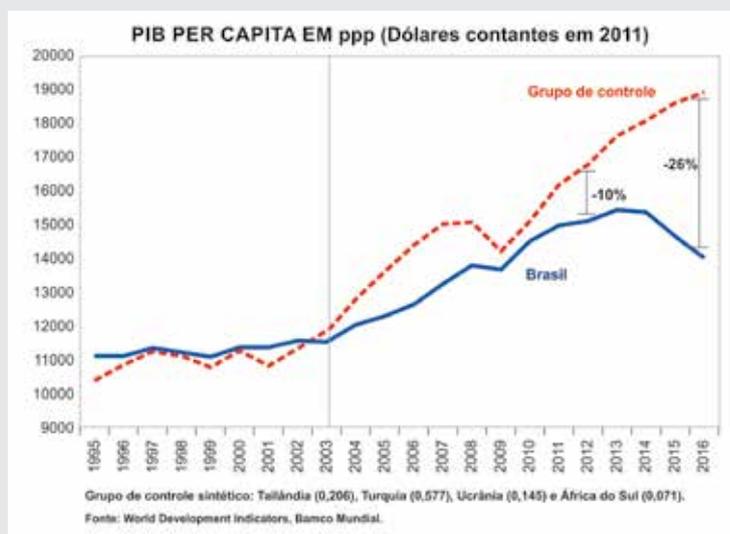
As reformas que permitirão a volta do crescimento robusto, inclusivo e sustentável ficarão para o governo que for eleito em 2018. De sua boa solução dependerá se o Brasil vai recuperar o “espírito” do crescimento perdido ou se vamos continuar a empobrecer relativamente. Este é o problema nacional!

Em setembro de 2014, às vésperas da reeleição de Dilma Rousseff, comentei, a propósito, um excelente estudo – A Década Perdida 2003-2012 – de três competentes economistas (Carrasco, I. V. Mello, J. Duarte). A metodologia utilizada, cada vez mais o “estado da arte”, é conhecida pelo nome de “controle sintético”. Constrói “contrafactuais” agrupando países escolhidos por algoritmos estatísticos para cada item da confrontação desejada.

Na comparação da taxa de crescimento do PIB, por exemplo, o método “escolhe” alguns países que antes de um evento conhecido e dado (a eleição de Lula) apresentavam crescimento agregado parecido com o do Brasil. Foram escolhidos Tailândia, Turquia, Ucrânia e África do Sul para constituir o “grupo de controle sintético”, com relação ao qual se medirá o desempenho da economia brasileira. A principal conclusão do trabalho é que entre 2003 e 2012 o Brasil cresceu (o que

explicava o apoio ao governo). Entretanto, a comparação com o grupo de controle mostra que o Brasil deveria ter crescido 10% a mais (o que não era percebido pelo eleitor).

Por curiosidade, fizemos agora uma gambiarra e “modernizamos” o gráfico, usando o mesmo grupo de controle e seu PIB per capita em paridade de poder de compra com base em 2011. A conclusão, mostrada no gráfico, é que a partir de 2012 o Brasil “afundou” e que ao final do ano passado havíamos crescido menos 26% do que o “grupo de comparação”, uma experiência custosa demais para ser repetida...



Estamos num momento de reflexão. É tempo de escolhas judiciosas que terão efeito no longo prazo. Não precisamos de um “populista” que vende o “lago azul” que não pode entregar, nem de um “salvador da pátria” ou de um “homem de negócio”, abominadores de política, o que põe em risco a democracia.



Marcelo Correia

ANTONIO DELFIM NETTO

Professor emérito da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA-USP), ex-ministro da Fazenda, da Agricultura e do Planejamento.